

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DO CENTRO-OESTE - IESCO

Curso de pós-graduação em Filosofia Política

**A FALTA DE INTERESSE POLÍTICO DOS BRASILEIROS E AÇÃO COMO
FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA**

Lucianny Maria Banhos de Oliveira

BRASÍLIA-DF

2010

LUCIANNY MARIA BANHOS DE OLIVEIRA

**A FALTA DE INTERESSE POLÍTICO DOS BRASILEIROS E AÇÃO COMO
FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso –
exigência parcial para a obtenção do grau
de pós-graduado em Filosofia Política –
submetido à Banca Examinadora do curso
de Pós-Graduação em Filosofia política
do Instituto de Ensino Superior do Centro-
Oeste sob a orientação da professora
Gabriela Lafetá.

BRASÍLIA-DF

2010

RESUMO

A FALTA DE INTERESSE POLÍTICO DOS BRASILEIROS E A AÇÃO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA

O presente trabalho se propõe a demonstrar que a situação política do Brasil atualmente se deve a uma falta de importância dada aos brasileiros pela política, uma situação, na qual as pessoas não se enquadram, observando os acontecimentos políticos como meros espectadores, não se identificam como seres agentes do processo.

Para tanto, terá como direção a teoria baudrillardiana com a finalidade de ilustrar a realidade brasileira, uma vez que acreditamos não haver interesse sincero pela política da parte do povo brasileiro. E, apresentando como possibilidade de resolução da mesma a teoria da ação de Hannah Arendt, na qual temos que quando nascemos, temos a chance de começar algo novo, de iniciar, de agir, mas para isso é necessário a construção de espaços públicos.

•Palavras-chaves: Política – Hannah Arendt – Baudrillard – Apatia política – Ação – espaços públicos – Massa.

ABSTRACT

LACK OF INTEREST POLICY AND ACTION AS OF BRAZILIAN POLICY TOOL FOR TRANSFORMATION

This paper aims to demonstrate that the political situation in Brazil today is due to a lack of importance given to Brazilians by politics, a situation in which people do not fall, watching the political events as spectators, do not identify as beings process agents.

To do so, will the direction of Baudrillard's theory in order to illustrate the Brazilian reality, since we believe there is no sincere interest in politics from the Brazilian people. And, with a possibility of solving the same action of the theory of Hannah Arendt, in which we have when we are born we have the chance to start something new, you start to act, but this requires the construction of public spaces.

- Keywords: Politics - Hannah Arendt - Baudrillard - Apathy policy - Action - public spaces - Massa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO DE UMA NACIONALIDADE BRASILEIRA E A FALTA DE RECONHECIMENTO PÁTRIO	8
CAPÍTULO 2 – BAUDRILLARD E A REALIDADE BRASILEIRA	14
CAPÍTULO 3 – HANNAH ARENDT E A AÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
BIBLIOGRAFIA	27

INTRODUÇÃO

Analisando a situação política do Brasil, nos deparamos com o fato de que o povo brasileiro não revela nenhuma importância diante da política. Trata-se de uma situação, na qual as pessoas não se enquadram. Elas observam os acontecimentos políticos como meros espectadores, não se enxergam como seres agentes do processo. A realidade transfigura-se em um filme, um longa-metragem, onde o povo que assiste é o mesmo que interpreta, mas para esses tudo não passa de uma ilusão, de um espetáculo.

Dessa forma, em busca de identificar a origem dessa falta de desejo político por parte dos brasileiros, fomos até a formação da nacionalidade, na formação cultural, pensando que esse problema teria sua raiz na forma como o Brasil foi colonizado e como surgiram e evoluíram os brasileiros, sua forma de pensar e agir desde a colônia até os dias de hoje. Será que houve alguma mudança? Será que a forma de encarar o país é a mesma? O Brasil-colônia é o mesmo país que se apresenta hoje? Será possível falarmos em pátria quando pensamos em ação política, ou na falta dela?

Respondendo a essas perguntas também buscaremos entender o que leva o povo brasileiro se interessar tanto pelo país em tempos de copa do mundo e quando não estamos vivendo este tempo, se insere numa total e cômoda apatia desdenhando qualquer ação que se apresente com o objetivo de mudar a situação presente. Destacamos também a relação que pode haver entre a copa do mundo e as eleições, por que ambas acontecem no mesmo ano? Por que temos primeiros os jogos, para depois participarmos do processo mais importante de nossas vidas: as eleições?

Para dá bases a esse estudo utilizaremos a teoria baudrillardiana com a finalidade de ilustrar a realidade brasileira, uma vez que acreditamos não haver interesse sincero pela política da parte do povo brasileiro. E, dando uma possibilidade de resolução a partir da teoria da ação de Hannah Arendt, na qual temos que quando nascemos, temos a chance de começar algo novo, de iniciar, de agir, mas para isso é necessário a construção de espaços públicos.

E diante disso, vamos de encontro com outra questão: será possível, dentro da perspectiva de brasileiros totalmente apáticos politicamente, que não demonstram interesse nenhum pela situação que vive o seu país, como se ela não o afetasse, a partir disso, será possível a construção de espaços públicos? Espaços, estes, extremamente necessários para a concretude da ação.

CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO DE UMA NACIONALIDADE BRASILEIRA E A FALTA DE RECONHECIMENTO PÁTRIO

Tendo em vista o aumento da corrupção que se torna tão presente em nossos dias e que ao mesmo tempo nos assola com escândalos políticos cada vez mais frequentes bem como a ascendente apatia política do povo brasileiro que aumenta na mesma proporção. Isto é, por mais que os escândalos políticos venham à tona o povo não se indigna, não há uma mobilização, uma organização de movimentos em prol de mudanças. E se há um sentimento de desgosto por parte de alguns, este é mínimo e permanece interiorizado. O que se quer perceber é o porquê de os brasileiros se preocuparem tanto com os problemas particulares e de se absterem de suas responsabilidades no que diz respeito ao público, parece acreditarem que o público de forma nenhuma o afetará no âmbito particular.

Em busca de responder a pergunta: por que os brasileiros não se importam com a política? – sem o receio de cairmos em uma generalização, uma vez que acreditamos que mesmo aqueles poucos que afirmam uma preocupação política não a têm na verdade, já que ou permitem que as coisas continuem assim, ou seus interesses políticos são movidos por interesses particulares e ao ter acesso a um poder de transformação permitem ser engolidos pela corja a qual tanto criticava outrora – partimos da ideia de que a possível resposta a essa pergunta possa se encontrar na formação da nacionalidade brasileira. Queremos entender o porquê de haver, visivelmente, um falta de interesse político entre os brasileiros, qual motivo conduz as pessoas a se excluírem de seu papel político e atribuírem a culpa pela realidade tal como está a qualquer um se esquivando de quaisquer responsabilidades.

Dessa forma, seguindo este raciocínio, é possível pensarmos que a falta de desejo político do brasileiro advém da própria formação cultural? Haja vista que o povo brasileiro deve sua formação a uma forçada mistura de diversos povos, principalmente, por pessoas que não tinham desejo por esta terra, pessoas que foram forçadas a vir para Brasil, ou como castigo (depois da descoberta, durante o período da colonização, várias pessoas que cometiam crimes em

Portugal eram mandadas para o Brasil como forma de punição), ou em busca de melhores condições de vida (promessa de que a nova terra traria riqueza). É admissível afirmar que essas pessoas que foram trazidas a força não desejavam permanecer, mas foram obrigadas a ficar. Isto é, durante o processo de colonização, que também teve grande parcela de culpa no que tange à importância dada à política pelos brasileiros – que adiante será abordado com maior singularidade –, a preocupação maior era em não perder o território conquistado que era tão rico, logo se tratou de ocupar a área e sem nenhuma encabulação foram enviados para esta terra que era tão promissora os mais variados tipos de pessoas, como várias fontes históricas comprovam, desde ladrões e prostitutas até pessoas simples e honestas que foram convencidas de que a nova terra era uma fonte segura de enriquecimento rápido. Além dessas importações, tivemos a escravidão dos negros africanos, bem como tentativas de invasão de outros povos, tais como os espanhóis e holandeses. Como Eduardo Bueno descreve abaixo:

“Eram homens brancos que viviam entre os nativos: alguns tinham sobrevivido ao naufrágio de seus navios, outros haviam desertado. Muitos haviam cometido algum crime em Portugal e foram condenados ao degredo no Brasil, outros tiveram a audácia de discordar de seus capitães e acabaram desterrados. Vários estavam casados com as filhas dos principais chefes indígenas, exerciam papel preponderante na tribo, conheciam suas trilhas, usos e costumes, e intermediavam as negociações entre várias nações indígenas e os representantes de potências européias. Sua presença em pontos estratégicos do litoral seria decisiva para os rumos do futuro país. (BUENO, p. 8)”

É bem verdade que nossos “descobridores” não estavam nem um pouco interessados na formação cultural e racial que se dava aqui, como se essa formação não fosse deveras importante. Sua única preocupação girava em torno da exploração das riquezas naturais, bem como o único interesse de quem para cá vinha, era conseguir e garantir um pouco das riquezas para si. O povo formado aqui no Brasil, não o enxergava como sua nova casa, não detinha por essa nova terra um sentimento de construção, mas sim o contrário, o sentimento era o de retirar o máximo que fosse possível e ir embora. Diferente do que aconteceram com outros países também colonizados, como os Estados Unidos que foram colonizados pela Inglaterra, uma vez que seu

processo de colonização deu-se por povoamento, o povo que foi mandado para a nova terra do norte chegava com a missão e o sentimento de construção.

Também Darcy Ribeiro procurando responder a pergunta: Por que o Brasil ainda não deu certo? Elabora um estudo que parte desde a formação desse povo, igualmente a proposta deste estudo, afirma ele:

“(...) Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo, num novo modelo de estruturação societária. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existam. Povo novo, ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização sócio-econômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros”. (RIBEIRO, p. 19)

Assim sendo, o que podemos esperar de um povo oriundo de uma evolução de formas anteriores de sociabilidade, que surgem como concentração de força de trabalho escravo, aliciada para servir a propósito mercantis alheios a ela senão um total descaso e desapego com esse território que só lhe causou amargura. Como Darcy Ribeiro defende: “O Brasil emerge, assim, como um novo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genesicamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitas de ser e de crescer só aqui se realizariam plenamente”. (RIBEIRO, p.20). Logo, nasce um povo que apesar de ser nação, uma vez que o conceito de nação – como o dicionário de Filosofia do Nicola Abbagnano define – diz respeito à união de pessoas constituída essencialmente por vínculos independentes da vontade dos indivíduos: raça religião, língua e todos os outros elementos que podem ser compreendidos sob o nome de “tradição”. Diferentemente do “povo” que não existe senão uma virtude da vontade deliberada de seus membros e como efeito dessa vontade, a nação nada tem a ver com essa vontade dos

indivíduos: é um destino que paira sob esses indivíduos, ao qual estes não podem subtrair-se sem traição. Seu território não é pátria, porque os brasileiros não o reconhece como pátria.

Dessa maneira, partindo do ponto que pátria deve sua origem ao latim "patris" e significa terra paterna, indica a terra natal ou adotiva de um ser humano que se sente ligado por vínculos afetivos, culturais, valores e história. Podemos, sem receio de cometer injustiças, afirmar que o povo resultante dessa mestiçagem desenfreada e sem propósito que não via o Brasil como pátria e nem o Brasil os enxergava como seu povo. Haja vista que defendemos que as pessoas que vieram 'povoar' o Brasil não tinham e nem criaram vínculos afetivos com a terra 'adotada'. Logo, temos em nossas raízes uma formação apátrida, uma vez que viemos de uma mestiçagem oriunda de pessoas de povos diversos que se envolveram com outros povos residentes no país, mas que não tinham a pretensão de fazer desse território seu lar. Mestiçagem que foi responsável não apenas pela formação racial dos brasileiros, como também foi responsável pela formação intelectual e cultural de apátridas, que não tinham amor pela terra a qual habitavam, inclusive, alguns detinham sentimentos de ódio pela mesma.

O que percebemos, ao analisar o povo brasileiro, é um povo que pode até ser nação, mas não possui ligação íntima nenhuma com seu país, não há sentimentos afetivos. Caso contrário, por que não nos importamos com o que acontece com nosso país? Esse fato nos autoriza afirmar que existe uma negação "pátria", uma falta de identificação cultural do povo para com seu território. O povo brasileiro não possui laços com seu território é como se ainda vivêssemos naquela época colonial, onde este território era sinônimo de extração, exploração das riquezas naturais. A relação existente é de parasitismo, retira-se o máximo que se pode até o seu fim.

Entretanto, ao mesmo tempo em que vivemos essa realidade fria, nos deparamos com uma época em que a realidade é outra, o povo assume uma defesa pelo seu território, vive e morre por ele, ou melhor, torce por ele, trata-se da Copa Mundial. Nesse período, os brasileiros são acometidos de um

nacionalismo nunca antes visto, o país veste sua camisa verde-amarela imitando sua bandeira, enfeita suas ruas com bandeirinhas verde-amarelas, o povo se pinta com as cores da pátria tão amada. É um sentimento de orgulho misturado ao de amor pela terra natal tão forte que é capaz de derrocar qualquer um que coloca contra. Mas, que se manifesta apenas no período da copa do mundo, nem os jogos olímpicos são capazes de tal feito.

Outro ponto que se relaciona, ou melhor, que coincide com tão fantástico período que é a Copa Mundial é outro que deveria ter o mesmo peso de importância ou maior, haja vista que será o responsável pelo futuro de toda a nação brasileira: Eleições. O ano que decidiremos quem vai representar nosso país perante o mundo, que escolheremos aquele que vai governar nosso país, que será responsável por melhorar nossa qualidade de vida, acontece seguidamente a Copa Mundial. É incrível que até o início e durante os jogos, entre um discurso político e outro se fala da atuação do Brasil e o que se espera dela, do quanto é importante a vitória para o Brasil, já que o mesmo é o “País do Futebol”.

Dessa forma, a relação entre ambos os momentos é tão forte, tão íntima, que talvez por ironia do destino ou fruto do mero acaso, se o país sair campeão, o presidente em exercício que por ventura estiver se candidatando a reeleição, sai vitorioso nas urnas também, e vice e versa.

Enfim, à primeira vista tudo isso que até aqui foi comentado parece não ter ligação alguma, mas desde sempre veio se relacionando e produzindo os efeitos que conhecemos hoje. E o povo encontra-se tão acostumado a isso que quando um político quer melhorar sua “fama” com o eleitorado traz diversão e alimento – é a tão conhecida política do pão e circo – e o povo já crente que de política nada entende e sobre a mesma não se discute, segue sua vida, sua rotina, agindo passivamente e aceitando que não possui poder nenhum sobre a política ou os rumos que seu país está levando.

É certo que a responsabilidade pelo povo brasileiro ser assim é da forma como fora colonizado, colônia de exploração, o povo foi formado sem nenhuma

consciência crítica e muito menos cresceu em um sentimento de patriotismo, exceto em período de copa. Mas é certo também que houve um certo grau de malícia dos que se propunham ao poder, já que desde o início o povo não participava ativamente da política do país, e quando o 'poder' passou realmente para suas mãos o veio de forma camuflada porque juntamente com essa vitória política veio a falta de consciência e a contínua educação de passividade herdada da época colonial.

CAPÍTULO 2 – BAUDRILLARD E A REALIDADE BRASILEIRA

A teoria baudrillardiana ilustra seguramente a realidade brasileira, uma vez que no capítulo anterior afirmamos que não há interesse sincero pela política da parte dos brasileiros. O que interessa a eles é o espetáculo. Tudo é festa, é show. Se um candidato quiser reunir o povo, basta organizar um comício no qual ele apresentará rapidamente, em seu início, suas propostas e aspirações e em seguida anuncia um show gratuito de algum artista famoso.

Baudrillard parte de uma análise da modernidade, trazendo à tona o fato de que tudo o que se tem na realidade é a ‘massa’. Tudo é massa. O povo é uma maioria silenciosa que se fecha, que vive bem, que come bem, que “trabalha somente o necessário e que o que reivindica aos seus patrões é ser paternalizada e tranqüilizada no que é preciso, além da sua pequena dose inofensiva de imaginário cotidiano” ¹. Por fim se abdica de participar dos ideais que lhes são propostos.

Ele defende que, o fato de sermos apenas esporadicamente condutores de sentido se torna verdadeiro porque, essencialmente, nos comportamos como massa, vivendo a maior parte do tempo num modo de aversão, alguém ou além do sentido. Ele até coloca a questão: “por que após inúmeras revoluções e um século ou dois de aprendizagem política, apesar dos jornais, dos sindicatos, dos partidos, dos intelectuais e de todas as energias postas a educar e a mobilizar o povo, por que ainda se encontram (e se encontrará o mesmo em dez ou vinte anos) mil pessoas para se mobilizar e vinte milhões para ficar “passivas”? - e não somente passivas, mas por francamente preferirem, com toda boa fé e satisfação, e sem mesmo se perguntar por que, um jogo de futebol a um drama político e humano?” ². É exatamente o que acontece atualmente na sociedade brasileira. O povo declara abertamente não gostar de política, não se importa com os problemas sociais e se coloca deliberadamente e conscientemente de forma passiva, abdicando de todo o poder que tem.

¹ BAUDRILLARD, 19995, p.10

² BAUDRILLARD, 19995, p. 10

Para Baudrillard, o único problema verdadeiro é o silêncio da massa que leva a um reconhecimento sempre ausente. Conforme defende, a massa absorve toda a energia social e não a refrata. Absorve todos os signos e todos os sentidos e não os reflete, absorve todas as mensagens e as digere. Ela nunca participa. Transcursada pelos fluxos, se comporta como massa, se restringe a boa condução dos fluxos, mas de todos os fluxos, boa condução da informação, de qualquer informação, boa condução de normas, mas de todas as normas; com isso, se confina a remeter ao social sua transparência absoluta. Novamente, a forma é idêntica à dos buracos negros, ou seja, regiões do espaço segundo as quais não pode abranger nenhuma informação. Coisa que nada emite, nada responde. O silêncio da massa se compara ao dos animais. Embora examinada até a morte, todas as palavras artificiais lhe estejam disponíveis, a massa não tem verdade nem razão, não tem consciência nem inconsciente. Como Baudrillard afirma, ela é o enigma da equação política, um enigma que anula todas as equações políticas. O político procura captar as massas numa simulação social por meio dos meios de comunicação, em contrapartida são as massas que se tornam a simulação gigantesca do social. Não há manipulação.

Ele também enfatiza o fato de sempre se ter acreditado que são os meios de comunicação que enrolam as massas - ideologia dos mass-media³. Entretanto, percebeu-se que as massas são muito mais forte que todos os meios de comunicação, e que, na verdade, são elas que os enrolam e os absorvem. Um exemplo desse processo é o que aconteceu com o cinema, que surgiu como um meio racional, documental, informativo, social, e que caiu muito rápido e definitivamente no imaginário.

Para Baudrillard, contudo, o que se tem é uma massa que se define como um grupo inumerável, inominável e anônimo, cuja força habita na sua própria desestruturação e inércia. Elas recebem tudo e repelem tudo por meio do espetáculo, sem exigência de sentido, sem resistência, fazendo, porém, com

³ BAUDRILLARD, 19995, p. 24

que tudo passe para uma indeterminação, assumam um outro sentido. Esse seria um possível motivo para que as eleições coincidisse com o ano de Copa do Mundo. O povo passa o ano em uma torcida pela vitória de seu país e mantém esse ritmo nas eleições, quando enxergam esse momento como sendo mais uma disputa, diante da qual um vai sair vencedor. Não há uma preocupação política, se um candidato vai ser melhor que o outro quando estiver de posse do poder concedido pelo povo.

Baudrillard defende que o que as massas desejam é o espetáculo e nada consegue convertê-las à seriedade dos conteúdos. Temem a vontade política como temem a morte. Assim, reduzindo todos os discursos articulados a uma dimensão irracional e sem fundamento, onde os signos perdem seu sentido e se consomem na fascinação, no espetacular. Afirma também que todas as tentativas para fazer da massa um sujeito se deparam com a impossibilidade da tomada de consciência autônoma, bem como todas as tentativas em fazer dela um objeto se deparam com a evidência da impossibilidade de uma manipulação determinada das massas. A verdade é que ela se esgota num ciclo sem fim, frustrando todas as intenções dos manipuladores. Ela não é representável, objetivável e abole todos os sujeitos que pretenderiam representá-la.

Conforme ele defende é graças à sua inércia no percurso do social que lhe foi projetado que as massas superam os limites, e destroem todo o edifício. “Hiper-simulação destrutiva, hiperconformismo destruidor”⁴. É neste ponto, segundo Baudrillard, que se encontra o verdadeiro problema de hoje, diante desse enfrentamento “surdo e inelutável” das majorias silenciosas versus o social que lhes é imposto, numa “hiper-simulação” que repete a simulação e a lhe põe um fim partindo de uma lógica própria e não em alguma luta de classe.

Dessa forma nos deparamos com o fato, como ele afirma, das massas se recusarem à imersão no social e constatamos que todos os poderes acabam

⁴ Idem, p.26

por se derruírem silenciosamente nessa maioria silenciosa, que é a sombra do poder, um precipício no vazio. Tal é a ruína do poder que se encontra em acordo a todas as solicitações e a um conformismo hiper-real que é a recusa da participação. Assim também é a ruína da revolução, uma vez que essa massa implosiva nunca explodirá realmente, pois é silenciosa e “involutiva”, contrária a todas as tomadas de palavra e de consciência. Nesse sentindo percebe-se que o único fenômeno que possui afinidade com as massas é o terrorismo. Isso porque ele é como elas, uma realidade sem representação, mas não se quer dizer que o terrorismo representaria o silêncio das massas, que manifestaria violentamente sua resistência passiva. O que se quer dizer é que ambos possuem um comportamento cego, despojado de sentido e de representação. E possuem essa característica comum porque são a forma atual mais exacerbada de negação de qualquer sistema representativo. É tudo. Assim se poderia dizer que entre as massas e o terrorismo é que procuram uma dispersão do social, uma absorção e anulação do político.

Baudrillard também coloca que, igual ao publicitário que não pode deixar de acreditar que as pessoas crerão - por pouco que seja, isto é, que existe uma probabilidade mínima de que a mensagem alcance seu objetivo e seja decodificada segundo seu sentido. Exclui qualquer princípio de incerteza, pois se fosse constatado que o índice de refração da mensagem sobre o destinatário é nulo, a publicidade desapareceria. Os leitores não observam diferença entre os conteúdos, mas o meio se apresentando como espetáculo e fascinação. Dessa forma, as massas indicam, produzem indiferenciação - elas sustentam a fascinação do meio, uma vez que a fascinação não depende do sentido, mas é proporcional à insatisfação com o sentido. Uma fascinação que vem da neutralização da mensagem em benefício do meio, uma neutralização da idéia em captação do ídolo, neutralizando a verdade em proveito do simulacro. Também é a esfera política que vive de uma hipótese de confiabilidade, uma vez que as massas são permeáveis à ação e ao discurso, que elas têm uma opinião, que elas estão presentes atrás das estatísticas. É a isso que a classe política se apegue para acreditar que fala e é ouvida politicamente. Contudo, o político há muito tempo não passa de um espetáculo

no interior da vida privada, servindo como entretenimento semi-esportivo, semilúdico. Baudrillard identifica uma grande semelhança entre o jogo eleitoral e os jogos televisados no que tange a consciência do povo. O povo se fez público. Segundo defende, é o jogo, o filme ou os desenhos animados que servem de modelos de percepção da esfera política. E apesar do povo apreciar também só o cotidiano, como um filme de sua vida, nada disso estimula a uma responsabilidade. Baudrillard enfatiza que em nenhum momento as massas se encontram engajadas de forma consciente política ou historicamente, fato que não representa uma fuga diante do político. Até os anos 60, a história confere que o privado e o cotidiano não são mais do que o oposto obscuro da esfera política. O que se percebe é um recuo das massas à sua esfera doméstica, uma recusa da história, da política e do universal, e uma assimilação do cotidiano encharcado no consumo exacerbado. Para ele, “as massas despolitizadas não estariam aquém, mas além da política, o privado, o inominável, o cotidiano, o insignificante, os pequenos ardis, as pequenas perversões, etc., não estariam aquém, mas além da representação”⁵. Assim, as massas realizariam em sua prática “ingênua” – por não esperarem, em suas análises, sobre o “fim do político” – a extinção do político, seriam diretamente “transpolíticas”. Partindo da resistência ao hiperconformismo. Resistência essa ao trabalho, à medicina, à escola, à segurança e à informação.

Baudrillard também expõe que os representantes do povo são bastante inocentes ao acreditarem que sua eleição veio por meio de uma aprovação e de um consenso popular, não desconfiando que é equivocado o fato de conduzir alguém ao poder e que a ruína de uma classe política é o espetáculo mais gratificante. É fato que no mais íntimo da famosa “consciência popular”, a classe política, seja ela qual for, será sempre o inimigo fundamental.

⁵ BAUDRILLARD, 1995, p.22

CAPÍTULO 3 – HANNAH ARENDT E A AÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO

Partindo do fato que Ação é um termo que cotidianamente não recebe tanto valor, mas que o decorrer da história comprova ser de extrema relevância, pois procura dar uma visão ou um modo de vida centrado na necessidade e no interesse humano. Hannah Arendt, ao defender que o ato de agir, de se ter a capacidade de iniciar processos novos graças ao fato de o homem ter nascido constrói uma ideia brilhante, pois demonstra dois pontos: primeiro, que o homem pode, por meio da ação, mudar a realidade; e segundo, que ele é o principal responsável pelos acontecimentos que o cercam. Isto é, ele nasce como possibilidade de mudança, de transformação, e qualquer que for a consequência de sua ação é de inteira e total responsabilidade sua. Outro ponto, é que não há a possibilidade de não agir, pois até mesmo a 'inércia da ação' gera uma mudança por omissão. Pensando nisso, por que os brasileiros continuam a se excluírem de seu papel político distribuindo culpa para todos e se esquivando de qualquer responsabilidade?

Arendt parte de uma análise a respeito da modernidade, - conforme se constata no dicionário de filosofia do Nicola Abbagnano - defendendo que o seu limite vem de uma valorização do trabalho e da produção em detrimento da ação. Assim, num amparo da ação como atividade política humana, parte de uma centralidade na ideia de esfera pública. Centralidade que se justifica por sua defesa da autonomia e da dignidade da política – condição essa que se perdeu devido à inversão de valores que ocorreu na modernidade, segundo afirma, no momento em que a esfera privada ganha dimensão pública e a política passa a se constituir numa mera esfera administrativa atribuída ao Estado. Segundo ela, a política firma-se quando os homens agem e comunicam coletivamente, fato que exige um espaço no qual esses homens possam se encontrar e interagir através da ação e da palavra. Tem-se, assim, um pensamento realista e idealista ao mesmo tempo, que não fantasia o estado do mundo, mas insiste com firmeza que, tal como está, não deve ficar nem continuar. Essa reflexão levou-a, em vista do primado da necessidade e do cuidado com a existência, relacionando a política com a oportunidade e o

espaço de liberdade, frisando a importância do agir e da realização pessoal em comparação com a fixação da pura fabricação de produtos, a contrapor o valor mais elevado da felicidade pública à busca ao interesse privado e à boa vida. Quando relata, ao resgatar a *pólis* grega e as idéias de Aristóteles, qual é o verdadeiro sentido da política, quer enfatizar, que em meio às calamidades cotidianas e as insuficiências da política atual, não devemos nem podemos contentar-nos com isso. Apesar de todas as experiências contrárias, ela sempre apostou na possibilidade de o homem atuante começar de novo, de fazer a coisa diferente. Enquanto os homens puderem agir, Arendt escreveu em um de seus textos, eles serão capazes de fazer o improvável e o incalculável.

“O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. Desse alguém que é singular pode-se dizer, com certeza, que antes dele não havia ninguém. Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais”. (ARENDT, p.191)

Aposta Arendt, na ação, já que o homem sempre pode começar de novo, pode agir, não precisando se conformar em ser manipulado por um destino externo a si. Ele tem liberdade para agir, ser livre para agir é agir em público, e público é o espaço original do político. Nele o homem deve mostrar-se em sua liberdade, se afirmar no trato político com outros. Mas, a adaptação adequada, a fuga ao privado, a retirada da responsabilidade política, a cômoda apatia política, todos esses modos de conduta tão aceitos hoje em dia desvirtuam a verdadeira política civilizada.

Segundo Arendt o problema surgiu com advento da modernidade, uma vez que essa revelou efeitos causados pela supressão da política como ação compartilhada pelos homens, que ela vai defender a noção de esfera pública como lugar gerador da vida política, em oposição à idéia liberal de espaço agregador de indivíduos interessados que passam a experimentar uma forma radical de existência privada, comprovando que é graças a essa vida moderna

que os homens se absterem de qualquer ligação na dimensão política do espaço público e é a condição histórica que explica o surgimento dos regimes totalitários no século XX, que se caracterizaram pela total supressão da liberdade e pela atomização dos homens numa sociedade de massa.

Entretanto, o convite que Arendt faz à autonomia da política tem por referência o modelo clássico de democracia antiga. É inspirada nessa experiência do mundo helênico que Arendt avalia as possibilidades e os limites da modernidade. Tais possibilidades pressupõem, em primeiro lugar, a recuperação da política na sua dimensão ativa e comunicativa, em seguida, vincular esta condição à construção da esfera pública. Uma vez que a época moderna, quando negou a natureza política à esfera pública, trouxe uma sociedade despolitizada marcada pela competição e instrumentalização de tudo, onde os homens seguem agindo orientados pela necessidade, e isso, segundo Arendt, expressa o trabalho como condição da vida associativa, abstraindo-se, portanto, da sociabilidade especificamente política. O trabalho, que historicamente sempre fez parte da vida privada dos homens não promove, para Arendt, a sociabilidade própria da vida política, e o fato de ter se constituído, na modernidade, como ordenador da vida social, passa a incorporar os homens como produtores e consumidores. Mas isso significa a privação de um mundo compartilhado de significados e a prevalência dos interesses privados na arena pública.

Arendt acredita que a esfera pública é o lugar da concorrência da palavra e do agir humano em direção ao senso comum e, por isso, o lugar onde os homens revelam a sua singularidade. É nesse ponto, talvez, que resida o problema dos brasileiros, será possível a constituição desses espaços públicos por pessoas que não se importam com a condição política de seu país? A condição de sujeito ativo permite ao homem revelar o que o torna singular, e isso o leva a inserir-se no mundo. Esta inserção é igual a um renascimento, onde confirmamos e admitimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico e original. Assim, pelo fato de ter nascido e chegado a um mundo já existente, os novos visitantes são impelidos a agir e a dar respostas ao mundo que aí está. A revelação da identidade através do discurso e o estabelecimento

de um novo início através da ação acontecem sobre uma teia de relações já existente fato que exige um espaço público onde possa se concretizar e cuja singularidade seja revelada apenas no convívio dos homens. Um dos pontos fundamentais do pensamento de Hannah Arendt é o fato dos homens, enquanto tais, serem indivíduos únicos, capazes de uma ação original. Essa capacidade criadora é a manifestação ativa que paralisa o automatismo que é próprio a tudo o que existe e tem fim.

Logo, se para Arendt a ação é a única atividade que pode assegurar continuidade justamente porque ela engendra originalidade e é começo, mas para essa ação acontecer é necessário a criação de espaços públicos pelo próprio agente

Enfim, podemos concluir que a ação é fundamental para a existência da esfera pública definido por Hannah Arendt, e que não há justificativa para a aceitação de calamidades cotidianas e insuficiências da política atual. O homem atuante tem a possibilidade começar de novo, de fazer a coisa diferente e enquanto puder agir, será capaz de fazer o improvável e o incalculável, não precisando se conformar em ser uma marionete de um destino situado fora de seu ser. Tem a liberdade para agir, e ser livre para agir é agir em público, e público é o espaço original do político, onde o homem deve mostrar-se em sua liberdade e espontaneidade, e se afirmar no trato político com outros, fugindo da cômoda apatia política. Além disso, como ela defende, ninguém será capaz de destruir ou impedir os processos desencadeados por meio da ação, nada pode encobrir nem desfazer um ato ou suprimir-lhe as consequências. Mas por que, mesmo depois de tomar essa consciência o homem não age? Não age porque pertence à maioria silenciosa que prefere o silêncio, a não participação, a inércia, e abomina qualquer tomada de consciência transformando todos os acontecimentos a sua volta em espetáculos cotidianos. Mas, é possível pensar em um despertar da massa? Depois de tudo que foi exposto acima é possível sim pensar em um despertar da massa, uma vez que temos produtores de conhecimento, de sentido, indivíduos conscientes que simplesmente não vão se contentar em ser engolidos, vão continuar gritando, vão continuar se esforçando, inovando, pois

têm a consciência de que são um novo começo. O que falta é descobrir como conscientizar a massa, uma vez que esta adormece em sua cômoda apatia. Talvez a solução que temos é um despertar singular, um trabalho de conscientização individual, um a um, até atingir o ponto em que o barulho seja maior que o silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, entendemos que a falta de desejo político do povo brasileiro o acompanha desde sua formação cultural até os dias de hoje. Acreditamos que essa falta de interesse pelas questões políticas se deve a uma formação étnica oriunda de povos, onde a maioria das pessoas não tinha desejo por esta terra, pessoas que foram forçadas a vir para Brasil, ou como castigo, ou em busca de melhores condições de vida. Logo, o resultado dessa mistura de povos é um povo que não reconhece seu país como pátria, e não mantendo relação íntima com seu território não se importa com o destino reservado ao mesmo. Assim, temos um povo desde o início de sua formação não participava ativamente da política do país, e quando o ‘poder’ passou realmente para suas mãos o veio de forma camuflada porque juntamente com essa vitória política veio a falta de consciência e a contínua educação de passividade herdada da época colonial.

Entretanto, é surpreendente como o cenário se altera por completo quando vivemos um ano de copa do mundo. O povo brasileiro é acometido por um nacionalismo nunca esperado, a ponto de defender seu país – agora visto e cantado como “pátria amada” –, de qualquer outra nacionalidade. Neste período os brasileiros se esquecem de qualquer crise vivida e concentram-se no desempenho que a seleção terá.

Seguindo este raciocínio, nos deparamos com Baudrillard, que vai defender que não há interesse político, uma vez que tudo é massa. E a única coisa que interessa a essa massa é o espetáculo, por isso o povo abdica de seu direito de participar das decisões políticas.

Ele defende que, o fato de sermos apenas excepcionalmente condutores de sentido se torna verdadeiro porque, essencialmente, nos comportamos como massa, vivendo a maior parte do tempo num modo de aversão, aquém ou além do sentido. Para Baudrillard, o único problema verdadeiro é o silêncio da massa que leva a um reconhecimento sempre ausente.

Esse seria um possível motivo para que as eleições coincidisse com o ano de Copa do Mundo. Não há uma preocupação política, se um candidato vai ser melhor que o outro quando estiver de posse do poder concedido pelo povo.

Baudrillard defende que o que as massas desejam é o espetáculo e nada consegue convertê-las à seriedade dos conteúdos. Temem a vontade política como temem a morte. Dessa forma, as massas são indiferentes - elas sustentam a fascinação. Ele identifica uma grande semelhança entre o jogo eleitoral e os jogos televisados no que tange a consciência do povo. O povo se fez público. Segundo defende, é o jogo, o filme ou os desenhos animados que servem de modelos de percepção da esfera política. E apesar do povo apreciar também só o cotidiano, como um filme de sua vida, nada disso estimula a uma responsabilidade. Baudrillard enfatiza que em nenhum momento as massas se encontram engajadas de forma consciente política ou historicamente, fato que não representa uma fuga diante do político. Partindo da resistência ao hiperconformismo. Resistência essa ao trabalho, à medicina, à escola, à segurança e à informação. É fato que no mais íntimo da famosa “consciência popular”, a classe política, seja ela qual for, será sempre o inimigo fundamental.

Em contrapartida, temos Arendt que parte da defesa da ação como atividade política humana, uma condição que se perdeu devido à inversão de valores que ocorreu na modernidade, na qual a esfera privada ganha dimensão pública e a política passa a se constituir numa mera esfera administrativa atribuída ao Estado. O convite que Arendt faz à autonomia da política tem por referência o modelo clássico de democracia antiga, no qual, inspirada nessa experiência do mundo helênico e avaliando as possibilidades e os limites da modernidade, acredita que tais possibilidades implicam uma recuperação da política na sua dimensão ativa e comunicativa, além de vincular esta condição à construção da esfera pública. Uma vez que a época moderna, ao negar a natureza política à esfera pública, trouxe consigo uma sociedade despolitizada marcada pela competição e instrumentalização de tudo, onde os homens seguem agindo orientados pela necessidade.

Arendt acredita que a esfera pública é o lugar da concorrência da palavra e do agir humano em direção ao senso comum e, por isso, o lugar onde os homens revelam a sua singularidade. É nesse ponto, que talvez, se encontre a questão que envolve os brasileiros: será possível a constituição desses espaços públicos por pessoas que não se importam com a condição política de seu país? Segundo Arendt, é a condição de sujeito ativo que vai permitir ao homem inserir-se no mundo, uma vez que a revelação da identidade através do discurso e o estabelecimento de um novo início por meio da ação se dão sobre uma teia de relações já existente fato que exige um espaço público onde possa se concretizar. Dessa forma, a ação viria como a possibilidade de mudança, pois, segundo Arendt defende que os homens, enquanto tais, são indivíduos únicos, capazes de uma ação original, mas que para acontecer torna necessário a criação de espaços públicos.

BIBLIOGRAFIA

ABAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana/Hannah Aendt; tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. O Que é Política? / Hannah Arendt; editoria, Ursula Ludz; 3. ed. tradução de Reinaldo Guarany. – 3. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. À Sombra das Maiorias silenciosas - O fim do social e o surgimento das massas/Jean Baudrillard; tradução de Suely Bastos. 4. ed. - Editora Brasiliense, 1985.

BUENO, Eduardo. Náufragos, traficantes e degradados - As Primeiras Expedições Ao Brasil. 1ª Ed. Editora: Objetiva. Rio de Janeiro – RJ, 1998.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. 2ª Ed. Editora: Companhia das Letras. Curitiba-PR, 1995.